

TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E REORDENAMENTOS DAS PRÁTICAS TURÍSTICAS NAS PRAIAS DE RIO DA ORLA OESTE DE MOSQUEIRO, BELÉM/PA

Willame de Oliveira RIBEIRO¹

123

Resumo:

A Ilha de Mosqueiro, localizada ao norte da sede municipal de Belém, consiste no principal espaço turístico para a população belenense e tradicional espaço do turismo de segunda residência, principalmente as praias da orla oeste. Diante da realidade construída neste espaço a partir do aumento da acessibilidade e da consequente intensificação e diversificação das práticas turísticas, o objetivo da pesquisa consistiu em analisar o conflito entre territorialidades constituídas pelas práticas turísticas de segunda residência e excursionista nas praias da orla oeste de Mosqueiro e os reflexos no reordenamento territorial dessa localidade. Os resultados da pesquisa demonstram que a dinâmica de ordem/desordem do território turístico da orla oeste de Mosqueiro é fruto do conflito de territorialidades entre as práticas turísticas com vistas ao maior controle do espaço e à implementação de um ordenamento territorial mais adequado à natureza de sua respectiva prática. Os discursos adquirem grande importância na manifestação desse conflito, especialmente no que se refere aos turistas de segunda residência, que evidenciam forte intencionalidade nas ações. Os principais reordenamentos territoriais inerentes a esse conflito se materializam por meio de três planos principais: a territorialização da prática turística excursionista; a desterritorialização da prática turística de segunda residência; e o rearranjo territorial da prática turística de segunda residência.

Palavras-chave: Território, Turismo, Ilha de Mosqueiro.

TERRITORIES, TERRITORIALITIES AND REARRANGEMENTS IN THE TOURISTIC PRACTICES IN MOSQUEIRO BEACHES WEST EDGE, BELÉM / PA

Abstract:

The Mosqueiro Island, located in the northern region of the municipal seat of Belém, is the main tourist area for people of Belém and a traditional tourism space as second home, especially the beaches of the west edge population. Faced with the reality constructed in this space from increased accessibility and consequent intensification and diversification of tourism practices, the research objective was to examine the conflict between territoriality made by practices of the second-home tourism and excursionist practices in the beaches of the Mosqueiro west edge, and also the reflections on territorial reorganization of that location. The research results show that the dynamics of order / disorder of the tourist area of west edge of Mosqueiro are the result of conflict between tourist territorialities practices aiming a greater control of space and the implementation of a more appropriate land use planning to the nature of their practice. The speeches acquire great importance in the manifestation of this conflict, especially with regard to second home tourists, which show strong intentionality in actions. The main territorial rearrangements inherent to this conflict materialize through three main planes: the territorialization of tourist excursionist practice; deterritorialization of tourist practice as second home; and territorial rearrangement of tourist practice as second home.

Keywords: Territory, Tourism, Mosqueiro Island.

INTRODUÇÃO

O turismo pode ser entendido, de forma simplificada, como uma prática que envolve três elementos principais: o deslocamento no espaço (a viagem) resultando na saída do espaço cotidiano, do lugar; a intenção de retorno e a busca e realização do lazer. A Ilha de Mosqueiro (ver figura 01), distrito do município de Belém, capital do Estado do Pará, insere-se na

¹ Geógrafo e Professor Assistente da Universidade do Estado do Pará - UEPA e Doutorando em Geografia – UNESP/Presidente Prudente. E-mail: willame.geo@gmail.com

dinâmica gerada por essa prática a partir da atração que suas praias passam a exercer sobre turistas de segunda residência constituídos por grupos sociais abastados da sede do município de Belém e materializado na Ilha a partir do final do século XIX e início do século XX com o estabelecimento das casas de segunda residência ao longo das praias da orla oeste e de uma pequena infra-estrutura como trapiches e algumas casas comerciais (MEIRA FILHO, 1978).

O turismo de segunda residência tem sua especificidade no âmbito das demais modalidades turísticas ligada ao estabelecimento de um vínculo mais forte com o espaço utilizado, representado, em grande medida, pela residência secundária, definida por Tulik (2000, p. 196) como “[...] alojamentos turísticos particulares, utilizados temporariamente, nos momentos de lazer, por pessoas que têm seu domicílio permanente em outro lugar”; dando forma a um tipo de turismo mais sedentário, ou seja, marcado por uma regularidade e uma intensidade de saídas e retornos.



Figura 01: Localização da Ilha de Mosqueiro

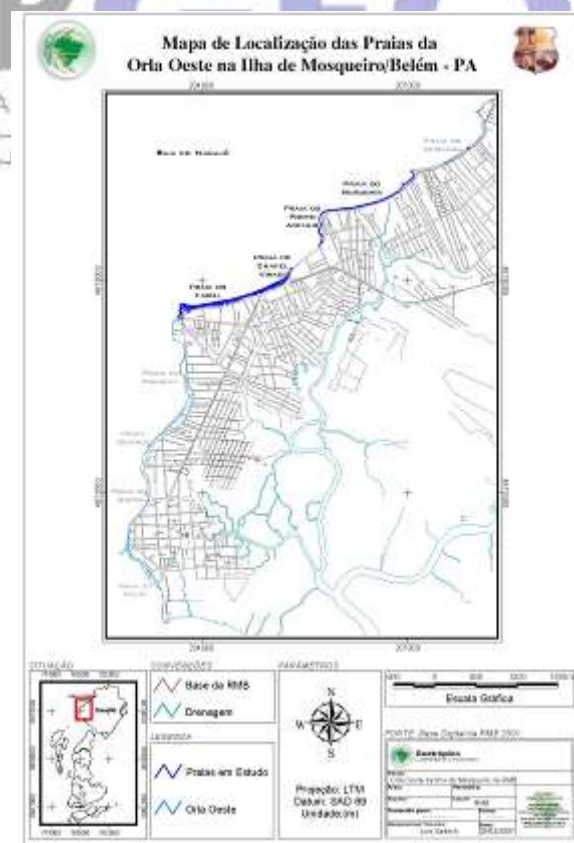


Figura 02: Localização da Orla Oeste de Mosqueiro

A ordem estabelecida na Ilha de Mosqueiro pelo turismo de segunda residência apenas será debilitada com o fortalecimento de outras modalidades turísticas com características

diversas, cabendo destacar a prática turística excursionista. Segundo Andrade (1995) essa terminologia é utilizada “para designar quem viaja e permanece menos de 24 horas em receptivo ou localidade que não seja o de sua residência fixa ou habitual, com as mesmas finalidades que caracterizam o turista, mas *sem pernoitar* no local visitado [...]” (p. 44).

A orla oeste (ver figura 02) é o subespaço de Mosqueiro, que mais ilustra o conflito entre as práticas turísticas e se configura enquanto um dos principais espaços de lazer metropolitano. Principal e mais antigo espaço turístico da Ilha a orla oeste está delimitada como o eixo longitudinal que vai da praia do Areião, na Vila, até a praia do Ariramba, sendo que, a abordagem aqui realizada tem como área de estudo não a totalidade dessa extensão, mas o trecho correspondente às praias do Farol, Chapéu-Virado, Porto Arthur e Murubira (nas quais se constata a maior incidência de fluxos turísticos da Ilha e, desse modo, o maior acirramento dos conflitos entre territorialidades turísticas), incorporando a praia em si, extensão composta pela areia e pela água utilizada nas atividades de lazer; e as calçadas e a Avenida Beira Mar, assim como, as edificações encontradas em sua adjacência imediata.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa está problematizada a partir das seguintes questões: Quais os principais elementos estruturantes do conflito de territorialidades e da dinâmica de ordem e desordem? Quais os reordenamentos territoriais às praias da orla mosqueireNSE decorrentes do conflito entre as duas territorialidades turísticas observadas?

OLHAR ROMÂNTICO E OLHAR COLETIVO, “BUCÓLICOS” E “FAROFEIROS”: CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS DAS PRÁTICAS TURÍSTICAS

Os elementos simbólicos constituídos a partir das práticas turísticas excursionista e de segunda residência e, principalmente, da dinâmica conflituosa estabelecida entre elas têm sua base nas representações diferenciadas sobre o espaço das praias da orla oeste de Mosqueiro e, dessa forma, apesar de evidenciar-se mais fortemente ao nível do discurso, não consistem, como destaca Bourdieu (2003), em falsificações da realidade, mas sim em estruturados/estruturantes desta, sendo, então, sua parte integrante.

Neste sentido, bucólicos e farofeiros, correspondendo respectivamente às práticas de segunda residência e excursionista, consistem em construções simbólicas que representam o conflito estabelecido entre as práticas turísticas nas praias da orla oeste de Mosqueiro. Os fundamentos dessas construções e de sua dinâmica contraditória identificam-se fortemente com o olhar romântico e o olhar coletivo do turista abordados por Urry (1996). Por sua

natureza diferenciada esses olhares seriam responsáveis por relevantes conflitos de interesses nos espaços turísticos em que ambos desempenharem suas práticas.

A beleza natural intocada desempenha o papel do típico objeto do olhar romântico do turista e, por esse motivo, os espaços turísticos adquirem o caráter de verdadeiros santuários da natureza, nos quais as práticas dos turistas são marcadas pela privacidade e pela solidão. O caráter elitista do olhar romântico torna-se explícito em sua recusa a interações com grupos sociais mais numerosos e de menor poder aquisitivo, contudo, os seus adeptos “[...] tentam fazer com que todo mundo sacralize a natureza, da mesma maneira que eles o fazem. O romantismo [...] estava implicado no surgimento do turismo de massa, espalhou-se, generalizou-se e difundiu-se a partir das classes médias altas [...]” (OP. CIT., p. 71).

As práticas de massa integram o que Urry (1996) denomina de olhar coletivo do turista, onde são muito menores os problemas relativos ao excesso de pessoas, uma vez que o adensamento populacional em determinados lugares é visto como aspecto positivo, ajudando na atração dos fluxos turísticos. Os lugares objetos desse olhar têm como condição para o seu sucesso a presença de outros turistas, pois estes lugares pareceriam estranhos se fossem vazios.

O ‘fazer parte da multidão’ que caracteriza as práticas turísticas identificadas com o olhar coletivo estabelece uma dinâmica conflituosa com a ‘solidão’ e a ‘privacidade’ requerida pelas práticas ligadas ao olhar romântico, entretanto, além desse fator que diz respeito à natureza das práticas, não se deve perder de vista o componente do conflito representado pelo poder econômico diferenciado das duas práticas, enquanto a primeira possui grande identificação com as camadas mais populares da população, a segunda é composta principalmente por setores elitistas da sociedade.

Essa pluralidade de olhares das práticas turísticas, ressaltada por Urry (1996), fornece importantes elementos à compreensão da realidade turística da orla oeste de Mosqueiro, na qual as práticas de segunda residência, cuja natureza identifica-se fortemente ao olhar romântico; e excursionista, que possui grande coerência com os postulados do olhar coletivo, possuem forte incidência. No entanto, as particularidades das duas práticas, atreladas aos referidos olhares, aparecem, nos seus discursos, estruturadas em torno dos termos ‘bucólico’, relativo aos turistas de segunda residência, e ‘farofeiro’, relacionado aos turistas excursionistas.

O termo bucólico tem sua utilização justificada por uma representação do turista sobre o espaço turístico, ou seja, uma forma de ver a Ilha de Mosqueiro, que, assim, recebe o qualificativo de bucólica, cuja primeira referência, de acordo com Meira Filho (1978), data de 1950 e foi realizada por Ubiratan de Aguiar. Segundo o dicionário miniaurélio século XXI o termo bucólico faz alusão “à vida e costumes do campo e dos pastores; campestre rústico; que canta ou exalta as belezas da vida campestre, da natureza” (FERREIRA, 2001, p.111).

Desse modo, o bucolismo como traço marcante da relação entre os turistas de segunda residência e o espaço turístico de Mosqueiro busca condensar aspectos inerentes ao olhar romântico reconhecido por Urry (1996), como pode ser identificado nas falas dos turistas de segunda residência da orla oeste: “O que atrai em Mosqueiro é o clima, a praia, o sossego, na época normal..., é o aconchego né [...]”; “Você vem aqui fora de julho ou carnaval, eu e minha esposa, a gente anda aqui nessa praia só nós dois, seis e meia, sete horas, certo, chama-se qualidade de vida [...]” (Trabalho de campo, jul. 2006).

O caráter romântico da prática de segunda residência da orla oeste pode ser reconhecido através das marcantes alusões à tranquilidade e às qualidades naturais de Mosqueiro nos discursos desses turistas, como evidenciam as expressões “clima”, “sossego”, “aconchego”, “só nós dois”, presentes nos discursos acima citados. As qualidades naturais aparecem sempre combinadas com a tranquilidade e o sossego, ou a privacidade e a solidão nas palavras de Urry (1996), levando esses turistas a reconhecerem a adequação do espaço turístico da orla oeste de Mosqueiro como circunscrita a determinados períodos, a “época normal”, ou seja, fora dos períodos de grande adensamento de turistas.

O romantismo do discurso dos turistas de segunda residência demonstra as suas expectativas em relação ao espaço turístico de Mosqueiro, expectativa compartilhada pela elite local, que se confunde com àquelas dos referidos turistas. A pequena vida de relações, a tranquilidade, as belezas naturais que caracterizam a “bucólica ilha” são sempre ressaltadas enquanto aspectos positivos, como algo a ser preservado: “Devemos permitir que o Mosqueiro dos Tupinambás renasça em seus segredos, mitos e fábulas, dando-nos o fermento do passado para alimentar o presente que muito pouco temos sabido preservar” (BRANDÃO, 1999, p. 5).

A realidade a ser contraposta por esses discursos tem como um de seus elementos estruturantes as práticas turísticas excursionistas, cuja natureza será descrita a partir de

adjetivos de cunho pejorativo, buscando, dessa forma, ressaltar o contraste entre as virtudes da prática de segunda residência e os deméritos da prática excursionista.

O termo mais utilizado para desempenhar essa função é “farofeiro”, que segundo Bruhns (2001), tem sua fundamentação no fato dessa prática turística muitas vezes se organizar em torno de uma refeição, cujo planejamento, preparo e consumo são efetivados de forma coletiva. Como resultado dessa estruturação coletiva os excursionistas tornam-se, no dizer de Bruhns (OP. CIT.), quase auto-suficientes em relação ao comércio dos espaços turísticos atingidos por sua prática criando, nesses termos, a possibilidade de acesso ao lazer por grupos sociais economicamente desfavorecidos.

128

A CHEGADA DO ESTRANHO E A ORDEM/DESORDEM DO TERRITÓRIO TURÍSTICO DAS PRAIAS DA ORLA OESTE DE MOSQUEIRO

Diante da diversidade de práticas turísticas existentes, isto é, da falta de homogeneidade dos sujeitos ativa e diretamente responsáveis pela constituição de territórios turísticos – os próprios turistas, a realidade encontrada nos referidos territórios pode se apresentar marcada por intensos conflitos de interesses, geralmente manifestos por meio de estratégias de controle e restrição do espaço a determinadas práticas. Indo ao encontro desse reconhecimento, a orla oeste da Ilha de Mosqueiro evidencia um profundo conflito entre suas práticas turísticas de incidência e relevância mais destacadas, as de segunda residência e excursionista, que, por conta das estratégias de cunho territorial utilizadas, configuram-se enquanto territorialidades.

O turismo na orla oeste de Mosqueiro não emergiu a partir de um planejamento ou estratégia efetivada pelo Estado ou pelo mercado, mas sim a partir da ingerência dos próprios turistas entre o final do século XIX e início do século XX, compostos por estrangeiros instalados na sede de Belém e por sua elite. Somente após a configuração da referida orla em um espaço turístico, as ações do Estado e do mercado se fazem presentes no local, através de novas infra-estruturas, de novos serviços e da incorporação da Ilha de Mosqueiro ao Município de Belém, com a conseqüente regulação por parte deste da distribuição das terras locais.

Desse modo, tomando por base a conceituação de Knafou (1999), a orla oeste da Ilha de Mosqueiro não seria apenas um espaço turístico, ou seja, um espaço estruturado a partir de objetos e ações ligados ao turismo, mas também um território turístico, já que o turismo foi

instalado nesse espaço a partir das ações dos próprios turistas, que, a partir de então, passaram a deter um relevante poder sobre o local. Esse turismo aprofundado em Mosqueiro consiste na prática de segunda residência, que, ao longo de sua trajetória na Ilha, construiu um ordenamento territorial coerente com seus interesses e características.

Esse ordenamento está diretamente relacionado à formação de poderes econômico e elitista locais² – comerciantes do ramo de material de construção, de hotelaria, de alimentação e entretenimento, de abastecimento de combustível, profissionais liberais ligados ao turismo, etc. (DANIEL, 1988; RIBEIRO, 2005) – atrelados à prática de segunda residência. Essa convergência de interesses desempenhou um papel fundamental nas ações destinadas a uma maior acessibilidade e circulação interna e externa à ilha de Mosqueiro, com destaque à construção da rodovia e da ponte que possibilitaram a interligação terrestre entre a sede de Belém e o distrito em questão.

Entretanto, o ordenamento territorial construído por turistas de segunda residência e por poderes econômico e elitista locais ao resultar numa facilitação do acesso à Ilha favoreceu o fortalecimento de outras práticas turísticas, como a excursionista, que por sua natureza própria e diferente da prática de segunda residência, acabou criando nesta e nos grupos locais mais fortalecidos a percepção de um desordenamento territorial, o que se evidenciou com maior clareza a partir da implementação pela Prefeitura Municipal de Belém (PMB) em 1999 da tarifa de transporte urbano no itinerário sede de Belém – Mosqueiro – sede de Belém, reduzindo o preço da passagem à ilha e propiciando uma maior acessibilidade da população belenense de baixa renda, sob a forma de fluxos turísticos excursionistas, às praias mosqueirenses, principalmente, àquelas de sua orla oeste provocando, como indica Souza (1997), a desordem do ambiente turístico preexistente e engendrando, como demonstra Bauman (1998), a construção social do “estranho”.

Neste sentido, as práticas turísticas excursionistas se apresentam perante o ordenamento territorial vigente até então como um fator perturbador, um agente desordenador, um estranho. A configuração do estranho, de acordo com Bauman (OP. CIT.),

² De acordo com Daniel (1988) o poder econômico local tem sua natureza relacionada aos aspectos materiais sendo, portanto, composto por indivíduos e grupos fortalecidos economicamente, enquanto a elite local tem sua estruturação no plano simbólico, sendo formada por agrupamentos sociais que assumem a posição de portadores da tradição local e do esclarecimento, razão pela qual se percebem como responsáveis pela condução da vida local. Muitas vezes, integrantes do poder econômico participam, também, das elites locais. Nesse caso, são os mesmos agentes sociais assumindo diferentes posições de sujeito. Daí decorre o fato de ser freqüente a imbricação dos interesses do poder econômico local e do poder social das elites como ocorre em Mosqueiro, justificando a sua interpretação neste trabalho como agentes conjugados.

se dá numa esfera de intersubjetividade, ou seja, o estranho é sempre o outro, o diferente, aquele que encobre os limites das fronteiras e mapas cognitivos, estéticos e morais traçados por um dado grupo social, “deixa turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser coerente receita para a ação”, impossibilita a real satisfação e alegria ao estabelecer a angústia, enfim, impede a reprodução da realidade marcada pela ordem.

A caracterização dos excursionistas como estranhos pelos turistas de segunda residência tem sua fundamentação nas divergências entre o olhar coletivo e o olhar romântico elucidados por Urry (1996), sendo assim, a visão negativa dos segundos sobre os primeiros está sempre atrelada à percepção da concentração de pessoas, da multidão estabelecida na orla oeste de Mosqueiro nos períodos de férias escolares, quando se dá a maior incidência do fluxo excursionista. O quadro 01 busca demonstrar os principais fatores negativos das praias da orla oeste de Mosqueiro imputados pelas práticas de segunda residência à atuação dos turistas excursionistas.

QUADRO 01 – Principais fatores negativos da orla oeste percebidos pelos turistas de segunda residência como atrelados aos fluxos turísticos excursionistas

FATORES	DISCURSOS DE TURISTAS DE SEGUNDA RESIDÊNCIA DA ORLA OESTE DE MOSQUEIRO
BARULHO	[...] fica muito barulho aqui e a gente não consegue fazer nada. [...] principalmente nesses finais de semana das férias, junta som de bar, som de carro, quando não é os auto-falante dos postes são os trios, esses palcos montados aí. Aí junta com a gritaria que o pessoal faz na praia e na rua [...]
INSEGURANÇA	Eu tava conversando com um pessoal aqui e uma senhora tava dizendo que arrombaro a casa dela aqui pra trás (adentrando o bairro do Murubira) e roubaro toda a fiação, toda a fiação! [...] antigamente agente via as pessoas passando, as família traziam seus carro, botavam as cadeira na porta pra passar a noite, até de madrugada, certo, hoje em dia a gente não vê isso, a gente não vê não, o negócio tá pirigoso! A gente fica com receio de meter a cara aí na rua [...] Você fica apreensivo. A gente só tem ouvido falar em negócio de arrastão! É muito pirigoso!
SUJEIRA	Nas férias, com essa multidão que invade Mosqueiro, é muita sujeira. Olha, tá vendo aquele redemoinho ali, é só copo descartável. A prefeitura não manda limpá, as pessoas vêm e sujam, a maioria não tem um pingo de educação mesmo [...] Uma vez eu peguei esse ônibus popular pra voltar pra Belém e me arrependi. O pessoal não sabe nem falá direito, jogam lixo pela janela, jogam dentro do ônibus, não param de comer um instante [...]

Fonte: Trabalho de campo, julho de 2006

Na visão dos turistas de segunda residência os principais elementos negativos da orla oeste de Mosqueiro estão atrelados à incidência do fluxo excursionista, que, ao representar o barulho, a insegurança e a sujeira, se configura enquanto um fator de desordem daquele espaço turístico. A responsabilidade pela existência desses fatores identificados como negativos dificilmente é imputada também à presença e à manifestação dos turistas de segunda residência, que, no plano do discurso, são sempre caracterizados por meio dos elementos que compõem o olhar romântico do turista, enfatizados como positivos. A promoção pelos segundos residentes dessa identificação entre os fatores citados e os turistas excursionistas serve de base a personificação destes enquanto estranhos.

O “barulho”, como exposto no quadro 01, corresponde a um dos fatores de grande relevância nos discursos dos turistas de segunda residência da orla oeste, que ressaltam este elemento como um contraponto da paz e da tranquilidade proporcionadas pela exuberância natural de Mosqueiro, como escreve Brandão (1999), “na praia tornou-se impossível ouvir as ondas quebrando nas areias” (p. 5). Dessa forma, o barulho é percebido como uma limitação da prática de segunda residência, “a gente não consegue fazer nada”, durante os períodos de férias escolares, especialmente aos finais de semana, quando a concentração de turistas na orla oeste de Mosqueiro aumenta drasticamente.

A cultura local evocada pelo turista de segunda residência, condizente com os valores atrelados ao olhar romântico de sua prática, busca evidenciar os trios elétricos e os palcos montados nas praias como objetos estranhos à orla oeste de Mosqueiro, apesar de também serem utilizados por turistas de segunda residência, pois não compõem o romantismo, o bucolismo da Ilha. Segundo Getúlio Trindade, quando exercia o cargo de agente distrital de Mosqueiro, “[...] aquilo que é romântico no carnaval [... são] os blocos de rua” (Segurança..., 2002, p. 8).

Outro fator negativo constituído nas praias da orla oeste de Mosqueiro de acordo com os discursos dos turistas de segunda residência e identificado por estes à presença e à atuação dos turistas excursionistas diz respeito à insegurança, evidenciada pelas falas expostas no quadro 01 através das expressões “arrombaro a casa”, “roubaro toda a fiação”, “receio de meter a cara aí na rua”, “arrastão”, “é muito pirigoso”. A concentração desses delitos durante o período de férias escolares quando se dá a maior incidência do fluxo excursionista, juntamente com a grande participação dos jovens nessa prática turística, favorece a

identificação desse fluxo à marginalidade, como pode ser percebido em determinadas falas de segundos residentes, da mesma forma que a sensível participação de grupos sociais de baixa renda em sua composição.

Os discursos em torno da insegurança funcionam como trunfos importantes das estratégias de controle territorial dos turistas de segunda residência, uma vez que a depreciação da imagem da prática excursionista é sempre acompanhada da proposição de soluções inerentes à restrição do acesso de seus integrantes às praias da orla oeste. A sujeira como um fator atrelado ao excursionismo, no âmbito dos discursos da prática de segunda residência, acaba tendo uma função semelhante, aparecendo quase sempre conjugada a falta de educação, como demonstram os trechos da fala do turista de segunda residência contida no quadro 01: “não tem um pingão de educação mesmo”, “não sabe nem falá direito, jogam lixo pela janela, jogam dentro do ônibus, não param de comer um instante”.

O discurso assim construído indica a intenção de evidenciar a prática turística excursionista enquanto agente debilitador da qualidade ambiental das praias da orla, ao passo que os turistas de segunda residência, por sua educação e afinidade com os atrativos naturais, são convertidos em sujeitos portadores de ações benéficas. A fala do integrante da elite e do poder econômico locais de Mosqueiro atua dessa forma: “Eu não sou contra a passagem de R\$1,00 [...] deveria ser de graça [...] onde está limpo a rataria vai embora” (informação obtida em entrevista realizada em Mosqueiro, agosto de 2004); ao comparar os fluxos excursionistas, especialmente os grupos sociais de baixa renda, a ratos, que seriam afastados com a limpeza, representada pela promoção de eventos e de atrativos não identificados com esses grupos.

Os três principais elementos negativos que compõem a representação dos turistas de segunda residência sobre a prática excursionista, o barulho, a insegurança e a sujeira, são as principais bases da construção social desses últimos enquanto estranhos ao ordenamento estabelecido, o qual se ajustava aos interesses e características dos primeiros. De acordo com Bauman (1998) a aversão aos estranhos é movida pelo sonho de alcançar um mundo marcado pela pureza onde há “lugares certos” para cada uma das coisas que o compõe, uma visão inseparável da idéia de ordem, na qual as coisas devem estar em seu devido lugar e em nenhum outro.

O extremo oposto da pureza seria a sujeira, a imundície, os agentes poluidores – os estranhos, que, em última análise, representam algo que está fora de seu devido lugar, pois “não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em ‘sujas’, mas tão-

somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem de coisas idealizada pelos que procuram a pureza” (BAUMAN, 1998, p. 14). Nesta perspectiva, o mesmo elemento identificado com a sujeira, aquele que personifica a desordem, se colocado num outro espaço, pode vir a perder essa característica, tornando-se puro.

A constatação da realidade dessa afirmativa pode ser encontrada na análise das estratégias do poder econômico e elite locais, juntamente com os turistas de segunda residência, na já ressaltada convergência de interesses, com vistas ao estabelecimento de um maior controle territorial sobre as praias da orla oeste de Mosqueiro, o que perpassaria pela diminuição do conflito entre as territorialidades turísticas. Uma das ações implementadas neste sentido consistiu da elaboração do Plano Diretor Urbano de Belém – PDU (PMB, 1993, p. 38) cujo Art. 152 determina que “[...] a ordenação dos espaços da ilha de Mosqueiro [... destina-se a] recreação e lazer [...da] população belenense de média renda”, prevendo os espaços da Ilha de Caratateua (Outeiro) ao lazer dos grupos sociais de baixa renda.

Dessa forma, os grupos sociais de baixa renda, parcela majoritária dos fluxos excursionistas, seriam vistos como estranhos por conta do espaço onde estão imprimindo sua territorialidade, a Ilha de Mosqueiro, cujo ordenamento é estabelecido a partir do turismo de segunda residência, fortemente identificado a grupos sociais de média renda. Essa regulamentação representa perfeitamente os interesses de segundos residentes e poder econômico e elite locais mosqueirenses, ao propor a constituição de espaços de lazer segregados a partir de padrões diferenciados de renda, buscando eliminar o encontro com estranhos, o que é indefensável em se tratando de espaços públicos de grande relevância, como as praias da orla oeste de Mosqueiro.

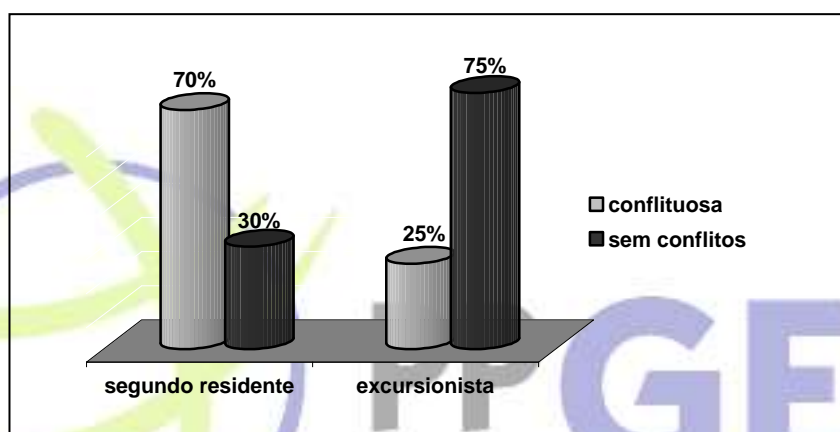
Em se tratando dos conflitos entre as duas principais práticas turísticas da citada orla, a realidade apresenta-se bastante complexa, já que as posturas das duas práticas diante do conflito são muito diferenciadas, enquanto a maior parte dos turistas de segunda residência percebe os excursionistas como estranhos, como fatores desordenadores das praias da orla oeste, os turistas excursionistas, em sua maioria, não identificam problemas em sua relação com os turistas de segunda residência (ver gráfico 01).

Apenas 25% dos turistas excursionistas entrevistados reconhecem o conflito em relação à prática de segunda residência, os demais consideram não haver nenhum tipo de problema, como evidencia o discurso do excursionista: “Acho que não tem nenhum problema, cada um vai com a sua intenção, eu vou pra curtir mas eu não incomodo ninguém” (Trabalho

de campo, jul. 2006); sendo que a parcela que reconhece o conflito o atribui a percepção dos segundos residentes sobre sua prática e não o contrário, estando presentes em alguns discursos posturas mais críticas, ressaltando as diferenças de renda como responsáveis pela não aceitação dos excursionistas pelos segundos residentes; e em outros discursos posturas mais complacentes, que buscam reconhecer na própria prática excursionista as razões do conflito.

134

GRÁFICO 01: Tipo de relação entre turistas excursionistas e turistas de segunda residência de acordo com os integrantes dessas práticas entrevistados na orla oeste de Mosqueiro.



Fonte: Trabalho de campo, julho de 2006.

A percepção dos segundos residente se apresenta bem divergente, 70% caracterizam a relação entre as práticas como conflituosa, atribuindo sempre as causas dessa realidade às características que reconhecem nos excursionistas. Dessa forma, a emergência da territorialidade representada pela prática excursionista demarca para a territorialidade identificada com o olhar romântico, a prática de segunda residência, a instalação da desordem, enquanto para a nova territorialidade a orla oeste de Mosqueiro se evidencia enquanto uma realidade ordenada, mesmo com a percepção de problemas, principalmente, porque o adensamento populacional característico desse espaço se apresenta de forma coerente com a representação desses turistas, marcada pelo olhar coletivo.

Portanto, ordem e desordem, de acordo com Souza (1996, 1997) e Bauman (1998), são construídas em uma esfera de relatividade entre sujeito e objeto. Essa relatividade remete, na visão de Souza (1997, p. 71), a dois aspectos fundamentais no âmbito da análise social, um relacionado “[...] a importância de se conjugar diferentes escalas de análise quando do tratamento de um problema concreto [...]”; e outro referente “[...] a constatação de que ‘ordem’ e ‘desordem’ não são realidades simplesmente objetivas, mas sim realidades que se constroem na relação sujeito-objeto”.

O que é visto como ordem por um determinado grupo pode ser visto como desordem por outros fazendo com que a complexidade resultante dessa construção subjetiva da ordem e da desordem ratifique-se na diferenciação entre “nós” e os “outros” e na projeção dessas relações sociais sobre o espaço (SOUZA, 1995), configurando os conflitos de territorialidades. Morin (2005) compartilha da noção de inseparabilidade entre ordem e desordem, que podem ser duas faces de um mesmo fenômeno, pois a ordem é relativa e relacional e a desordem incerta. Como acentua Souza (1997) o construto ordem/desordem consiste num processo dialético e, por conseguinte, conflituoso internamente, onde “[...] a desordem encarna, simultaneamente, a angústia da dissolução de uma velha ordem e as incertezas que acompanham a formação de uma nova” (p. 72).

PRÁTICAS TURÍSTICAS E REORDENAMENTOS TERRITORIAIS NA ORLA OESTE

Na orla oeste de Mosqueiro, os principais reordenamentos inerentes ao conflito de territorialidades entre as práticas turísticas excursionista e de segunda residência e à consequente dinâmica de ordem/desordem do território turístico, se materializam por meio de três planos principais: a territorialização da prática turística excursionista na orla oeste de Mosqueiro; a desterritorialização da prática turística de segunda residência; e o rearranjo territorial da prática turística de segunda residência.

A territorialização da prática turística excursionista na orla oeste de Mosqueiro

A prática turística excursionista, cuja natureza apresenta-se atrelada a grande concentração de pessoas, alcança uma real territorialização na orla oeste de Mosqueiro a partir de seu maior adensamento, quando essa orla passa a ser predominantemente caracterizada pelas preferências e ações dessa prática, nos momentos de sua incidência, criando-se, desse modo, o conflito de territorialidades com a prática de segunda residência, de territorialização mais antiga na citada orla.

A partir da década de 1990, o número de visitantes nos finais de semana de julho na orla oeste de Mosqueiro é fortemente ampliado, representando, especialmente, o aumento do fluxo excursionista, composição amplamente majoritária dos visitantes. O crescimento das práticas excursionistas se explica pela promoção de eventos de massa, como as micaretas, e pela consequente configuração da Ilha de Mosqueiro enquanto espaço plenamente adequado ao olhar coletivo do turista, de acordo com a caracterização de Urry (1996), e sua percepção

dos espaços densamente ocupados como privilegiados às atividades de lazer. Com a implementação da tarifa de transporte urbano, no ano de 1999, esse fluxo de excursionistas ganha novo impulso, motivando a constatação da média de 300 mil visitantes nos finais de semana de julho de 2006.

A territorialização pode ser verificada ao se analisar o período em que esses turistas começaram a frequentar a Ilha de Mosqueiro, concentrando-se em sua orla oeste, neste sentido, 83% dos turistas excursionistas entrevistados indicaram frequentar esse espaço a um período igual ou inferior a 10 anos (trabalho de campo, jul. 2006), evidenciando, assim, o recente adensamento dessa prática turística na orla oeste e sua consequente territorialização através da impressão de suas características e particularidades nesse espaço.

Entretanto, essa territorialização não se dá de forma contínua no tempo, estando fortemente caracterizada em determinados períodos na orla oeste de Mosqueiro e em outros com uma presença rarefeita ou até mesmo ausente. Essa dinâmica diz respeito à própria natureza do turismo, que, em geral, possui a sazonalidade como uma de suas principais marcas, no entanto, em se tratando da prática excursionista essa característica apresenta-se ainda mais marcante pela sua extrema mobilidade, criando, com isso, uma territorialização restrita a períodos muito curtos, comumente não excedendo 24 horas; e justificando o reconhecimento da constituição de um território móvel (SOUZA, 1995) a partir dessa prática na orla oeste de Mosqueiro, isto é, a constituição de um controle sobre o espaço durante um determinado período, e que se desfaz com a mudança desse.

Através do trabalho de campo realizado com turistas excursionistas na orla oeste de Mosqueiro verificou-se que 73% dos entrevistados frequentam esse espaço somente nos finais de semana de férias, especialmente durante o mês de julho, 7% frequentam somente nos finais de semana não condizentes com as férias escolares e os 20% restantes usufruem a orla oeste de Mosqueiro tanto nos finais de semana de férias escolares quanto em feriados e finais de semana fora daquele período (trabalho de campo, jul. 2006). Dessa forma, evidencia-se que a territorialização da prática turística excursionista na orla oeste de Mosqueiro possui uma real evidência nos finais de semana das férias escolares, com destaque ao mês de julho, quando o fluxo de excursionistas é ainda maior; demonstrando expressão bem mais reduzida em finais de semana e feriados fora do período de férias; e ausência nos demais períodos.

A territorialização dos excursionistas na orla oeste de Mosqueiro durante os finais de semana das férias passa a se configurar no sábado, durante o dia, passando pela noite, quando

os bares e casas de shows da orla passam a ser os objetos de grande atração; e alcança o seu ponto máximo no domingo durante o dia. Os feriados, como carnaval e ano novo, demonstram, apesar de em menor escala, importante incidência do fluxo excursionista, evidenciando, inclusive, um intenso uso do espaço turístico à noite, como resultado dos eventos e objetos instalados na orla (trabalhos de campo, jul. e dez de 2006).

137

Da mesma forma que existe uma restrição temporal da territorialização dos turistas excursionistas na orla oeste, que caracteriza a constituição de um território que se faz e se desfaz em períodos determinados, um território móvel (SOUZA, 1995), existe também uma variação da incidência desses turistas no espaço dessa orla. Considerando a Ilha de Mosqueiro em sua totalidade, a orla oeste se configura como o espaço de maior concentração de turistas excursionistas, o que pode ser constatado até mesmo pela paisagem; e internamente a esse espaço, o eixo entre as praias do Murubira e do Farol, tem especial destaque, razão da configuração dessa área com objeto de estudo deste trabalho.

A DESTERRITORIALIZAÇÃO DA PRÁTICA TURÍSTICA DE SEGUNDA RESIDÊNCIA

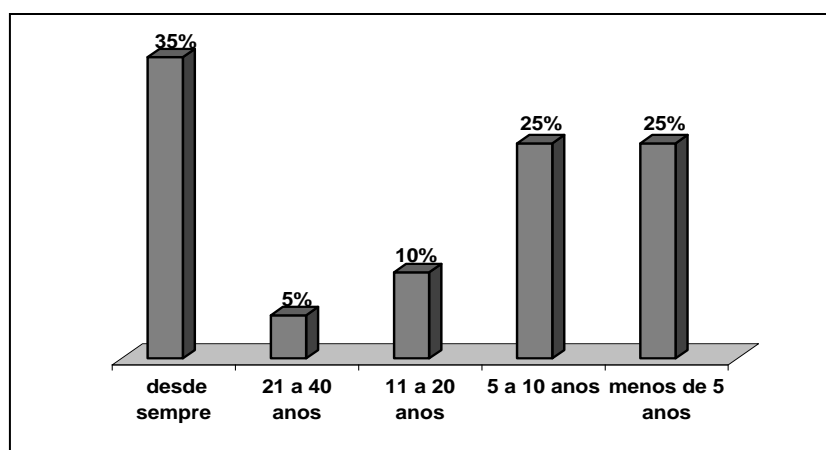
Diretamente associada à territorialização da prática turística excursionista na orla oeste de Mosqueiro e ao conseqüente conflito de territorialidades configurado em relação a esta prática, a prática turística de segunda residência passa por uma série de modificações em sua relação com o espaço da orla oeste de Mosqueiro e, por conseguinte, em sua dinâmica territorial neste espaço. Em vista disso, entre as principais linhas dessas mudanças pode ser identificado o processo de desterritorialização dos turistas de segunda residência da orla oeste de Mosqueiro.

A dialética entre ordem e desordem explicita suas interferências espaciais através do ordenamento e desordenamento de territórios (ou territorialização e desterritorialização), vistos como processos indissociáveis. A desterritorialização, assim como a desordem, não se estabelece em um sentido absoluto, mas sim relacional, apresentando-se como “[...] ‘o outro lado’ da territorialização, seu ‘outro’ dialeticamente conjugado” (HAESBAERT, 2004a, p.365). Desse modo, a desterritorialização vem sempre acompanhada de seu par dialético a reterritorialização, estabelecendo-se em uma esfera de intersubjetividade que impõe que um mesmo processo seja visto como desterritorializador e territorializador, de acordo com o sujeito em questão e com a escala geográfica a ser considerada.

Com base nos postulados de Haesbaert (2004a; 2004b) pode se reconhecer na orla oeste de Mosqueiro a partir da territorialização da prática turística excursionista uma linha de desterritorialização da prática turística de segunda residência (apenas uma linha, já que existem outras estratégias territoriais desse grupo que não condizem com a perda do controle territorial), que consiste na saída desses turistas de Mosqueiro por meio da venda de seus imóveis e na sua reterritorialização em outros espaços turísticos considerados por estes mais adequados ao desempenho de sua prática.

As placas de venda de casas de segunda residência na orla oeste de Mosqueiro são elementos marcantes da sua paisagem e expressam o processo de desterritorialização dessa prática turística advindo, principalmente, do conflito com a territorialidade turística excursionista. Uma das expressões dessa realidade consiste, de acordo com um corretor de imóveis da Ilha de Mosqueiro, no processo de forte desvalorização pelo qual tem passado as segundas residências na orla oeste: “[...] Dez anos atrás você tinha que pagar três vezes mais pra comprar uma boa casa na orla [...] com essa popularização da ilha as pessoas não querem mais ter casa de veraneio e aí elas vão só desvalorizando” (Trabalho de Campo, jul. 2006). Associado a essa dinâmica imobiliária foi constatado nas entrevistas com turistas de segunda residência na orla oeste uma expressiva participação de indivíduos que estão a pouco tempo nesta condição na referida orla, como demonstra o gráfico 02.

GRÁFICO 02 – Tempo de segunda residência dos turistas da orla oeste de Mosqueiro entrevistados.



Fonte: Trabalho de campo, julho de 2006.

As informações contidas no gráfico 02 indica a permanência de uma parcela dos turistas de segunda residência com incidência antiga na orla oeste, mas, por outro lado, uma maior expressão (metade dos entrevistados) dos turistas que possuem segunda residência na orla oeste a tempo igual ou inferior a 10 anos, o que apresenta forte coerência com o processo de desterritorialização dessa prática turística na orla oeste. As falas dos turistas de segunda residência indicam que a desterritorialização de integrantes dessa prática da orla oeste de Mosqueiro tem no conflito estabelecido com a prática excursionista, um de seus principais fatores.

139

O rearranjo territorial da prática turística de segunda residência

Além do seu processo de desterritorialização através da venda dos imóveis e da consequente saída de Mosqueiro pôde ser verificada uma outra dinâmica territorial da prática turística de segunda residência na orla oeste de Mosqueiro como resultado do conflito com a territorialidade turística excursionista e do desordenamento do controle territorial preexistente. Essa dinâmica territorial, caracterizada por um alto grau de complexidade, é marcada por três estratégias territoriais dos turistas de segunda residência, que podem ser tanto combinadas quanto efetivadas isoladamente, todas com a manutenção das casas de veraneio na orla oeste, são elas: a não utilização das segundas residências nos períodos de grande fortalecimento do fluxo turístico excursionista; a utilização de praias na Ilha de Mosqueiro externas a orla oeste; e a relativa “enclausura” desses turistas em seus imóveis.

A primeira estratégia, manifestada através da não utilização da orla oeste de Mosqueiro nos períodos de grande fluxo excursionista, resulta, em geral, na permanência fechada dos imóveis, no seu aluguel ou no seu empréstimo, como indica a fala do turista entrevistado, “[...] o dono da casa não vêm porque é muita gente né então a gente pede emprestado e vem [...]” (Trabalho de campo, jul. 2006). Essa ação está fortemente vinculada ao período de férias, especialmente aos finais de semana desse período, momento em que a territorialização da prática excursionista está mais evidenciada; resultando num aprofundamento da natureza móvel do território turístico de segunda residência, pois conduz a um mais frequente desfazer-refazer de território.

A segunda estratégia dos turistas de segunda residência no âmbito desse rearranjo territorial motivado pela intensificação do fluxo de turistas excursionistas vincula-se ao deslocamento de sua prática das praias da orla oeste durante os finais de semanas para praias não pertencentes a esta orla, como a do Paraíso, no norte da ilha, onde “[...] ainda tem muita

natureza [...]” e “[...] a gente pode lembrar da bucólica [...]”, como ressaltam os turistas de segunda residência (Trabalho de campo, jul. 2006).

Dos turistas de segunda residência entrevistados na orla oeste de Mosqueiro, 75% responderam frequentar a praia do Paraíso, dessa forma, a atuação desses turistas ganha ainda mais complexidade, uma vez que os imóveis de segunda residência são mantidos na orla oeste. O deslocamento entre os referidos locais é facilitado pelo fato da quase totalidade desses turistas serem detentores de automóveis, o que não ocorre com os turistas excursionistas, que para acessarem a praia do Paraíso teriam que passar por dois deslocamentos através de ônibus, um da sede de Belém até o Bairro do Carananduba e outro deste local até a praia, aumentando, assim, o custo da viagem e o tempo gasto. Desse modo, a praia do Paraíso conta com incidência pequena de fluxos excursionistas se comparada às praias da orla oeste, sendo, por isso, alternativa interessante para os turistas de segunda residência em sua busca de “estar ao lado dos iguais”.

A terceira estratégia em meio a esse rearranjo territorial da prática turística de segunda residência diz respeito a um processo de relativa enclausura, marcado pela elevação dos muros das casas de veraneio, pela instalação de grades em portas e janelas e pelo uso mais efetivo do espaço interno ao imóvel em detrimento da praia. Isso é mais fortemente evidenciado nos finais de semana de férias escolares, quando o conflito com a territorialidade turística excursionista se torna mais acirrado e muitos segundos residentes acabam não fazendo uso das praias e se recolhendo ao espaço físico de suas propriedades que, em geral, possuem piscinas e outras áreas de lazer.

As várias manifestações desse rearranjo das práticas de segunda residência funcionam muito mais como vias de resistência do que como ações espontâneas, simbolizando não uma realidade favorável, mas possibilidades de adequações a uma situação percebida por esta prática turística enquanto adversa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A orla oeste da Ilha de Mosqueiro, por conta de fatores como a densidade de objetos técnicos, as qualidades naturais do espaço, a proximidade e as facilidades de acesso, constitui-se no principal espaço turístico da região metropolitana de Belém, tendo, desse modo, uma relevância muito grande na oferta das condições para a realização das práticas de lazer dos grupos sociais pertencentes a essa região.

A estranheza da prática turística excursionista somente se materializa na orla oeste diante da ordem preestabelecida pela prática turística de segunda residência e a desordem que ela representa se refere ao questionamento da organização territorial estabelecida pelos turistas de segunda residência. Nos discursos dos turistas de segunda residência a intencionalidade da equiparação entre a prática excursionista e a desordem da orla oeste (num sentido absoluto) perpassa pela valorização de três elementos principais: barulho, insegurança e sujeira. Estes elementos evidenciados como fortemente negativos são ressaltados como presentes na orla oeste a partir da atuação das práticas excursionistas.

Sendo assim, a dinâmica de ordem/desordem do território turístico da orla oeste de Mosqueiro é fruto do conflito de territorialidades entre as práticas turísticas com vistas ao maior controle do espaço e à implementação de um ordenamento territorial mais adequado à natureza de sua respectiva prática. Uma vez que a prática turística de segunda residência detinha um controle muito mais efetivo desse espaço, o estabelecimento dessa dinâmica de ordem/desordem representa um recuo considerável de seu domínio territorial, por outro lado, para a prática excursionista a mesma realidade representa um avanço no seu acesso ao lazer, mesmo porque a representação dessa última prática possui afinidade com espaços de concentração populacional, enquanto a primeira está mais relacionada à privacidade.

A ordem/desordem do referido território turístico como fruto do conflito de territorialidades entre as práticas turísticas excursionista e de segunda residência está diretamente atrelada aos reordenamentos territoriais dessas práticas na referida orla. Esses reordenamentos se materializam por meio de três planos principais: a territorialização da prática turística excursionista na orla oeste de Mosqueiro – representada pelo fortalecimento da incidência desse fluxo turístico; a desterritorialização da prática turística de segunda residência – evidenciada a partir da saída de turistas de segunda residência da orla oeste de Mosqueiro através da venda dos imóveis. E, por fim, o rearranjo territorial da prática turística de segunda residência – materializado a partir de algumas estratégias que resultam na permanência desses turistas e de seus imóveis na orla oeste.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. V. de. *Turismo: fundamentos e dimensões*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

BRANDÃO, E. J. C. Será que roubaram os encantos de Mosqueiro? *O Liberal*, 25 jul. 1999, p. 05.

BRUHNS, H. T. Turismo e lazer: viajando com personagens. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (Orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. 2 ed. Campinas: Papirus, 2001.

CAMPBELL, U. Mosqueiro quer os turistas de volta. *O Liberal*, Belém, 03 dez. 2000. Painel, p. 07.

DANIEL, C. Poder local no Brasil urbano. In: *Espaço e debates*, São Paulo: NERU, n. 24, 1988.

FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélio Século XXI Escolar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004a.

_____. Ordenamento territorial. In: *Oficina para uma política nacional de ordenamento territorial*. Brasília: MMI, 2004b.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: Rodrigues, A. B. (Org.) *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MEIRA FILHO, A. *Mosqueiro: ilhas e vilas*. Belém: Grafisa, 1978.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM – PMB. *Plano Diretor Urbano do Município de Belém*. Belém: PMB, 1993.

RIBEIRO, W. de O. *Ilha de Mosqueiro: sobre autonomia político-administrativa e desenvolvimento sócio-espacial*. Belém: UFPA/DEGEO, 2005. (Trab de Conclusão de Curso)

SANTOS, M. *A natureza do espaço: espaço e tempo; razão e emoção*. 3ed. São Paulo Hucitec, 1999.

SEGURANÇA é o principal problema a ser resolvido no carnaval da Ilha. *O Liberal*. Cartaz, p. 8, 31 de jan. 2002.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

_____. As drogas e a “questão urbana” no Brasil: a dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

_____. A expulsão do paraíso: o “paradigma da complexidade” e o desenvolvimento sócio-espacial. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

TULIK, O. Residências secundárias no Estado de São Paulo: identificação de centros emissores de demanda. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (Orgs.). *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/ SESC, 1996.



PPG GEO
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Artigo Recebido em: 10 de maio de 2014.
Artigo Aprovado em: 15 de junho de 2014.